FRANZ BOAS E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS

DIOGO DA SILVA ROIZ[1]
UEMS

RESENHA

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 423p.

_____. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. 109p.

Apesar de ser reconhecido como fundador da moderna pesquisa etnográfica nos Estados Unidos e de ter contribuído diretamente para a institucionalização do campo da antropologia, entre as disciplinas ensinadas nas universidades norte-americanas, Franz Boas continua sendo pouco lido e traduzido no Brasil (FERREIRA, 2009). Para Eriksen e Nielsen (2007), Franz Boas foi ao lado de Malinowski (com sua 'observação participante'), Radcliffe-Brown e Mauss, um dos pais fundadores da moderna pesquisa antropológica. Para muitos outros autores, Boas foi o fundador da antropologia norte-americana, isto é, com ele que se institucionalizaria a etnografia como disciplina nos cursos de graduação nos Estados Unidos. Ele passou da Física, para a Etnografia e a Antropologia Física, e destas para a Antropologia Cultural.

---

[1] Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai, em afastamento integral para estudos. E-mail: diogosr@yahoo.com.br .

Para George W. Stocking Jr., ele contribuiu para a “rejeição da ligação tradicional entre raça e cultura numa única sequência hierárquica” e na “elaboração do conceito de cultura como uma estrutura relativista, pluralista, holística, integrada e historicamente condicionada para o estudo da determinação do comportamento humano” (STOCKING JÚNIOR, 2004, p. 36).

Nascido a 9 de julho de 1858, na cidade de Minden, então parte da Prússia, no interior de uma família judia, cujo pai, Meier Boas, fora um comerciante de sucesso, e sua mãe, professora de jardim de infância. Cresce sob o impacto da revolução de 1848, cuja marca estará presente nas atitudes de seus pais, e possivelmente contribuíram para a formulação de suas ideias pioneiras sobre raça e etnicidade.

Nos anos de 1870, estuda Física na universidade de Kiel, concluindo um doutoramento em 1881, versando sobre uma *Contribuição para o entendimento da cor da água.* Ainda em meados daquela década participa de algumas viagens para o Canadá, onde encontraria grupos nativos de esquimós, e em sua convivência com eles iniciaria suas indagações sobre a organização da cultura. Em 1887, emigrou para os Estados Unidos, por não conseguir emprego fixo nas universidades alemãs, e apenas empregos temporários em museus, de onde questionaria a distribuição dos objetos e dos grupos étnicos, em seu interior. Nos Estados Unidos, casa-se naquele mesmo ano com Marie. De início, encontra também dificuldades para ingressar em universidades como docente, e tira seu sustento contribuindo com artigos para a revista *Science*. Os nove primeiros anos naquele país foram difíceis; entre 1888 e 1902 terá também seis filhos. Foi apenas no final da década de 1890 que alcançará maior estabilidade de trabalho. Em 1896, acumulará trabalho no museu de história natural em Nova York e na Universidade de Columbia. Sairá do museu em 1905, em função de sua maior estabilidade na Universidade de Columbia, que lhe permitiu manter dedicação integral. Durante esse período, efetuará outras pesquisas de campo e escreverá artigos e livros.

Será nas primeiras décadas do século XX que aparecerão suas obras mais importantes, como *A mente do homem primitivo*, em 1911, e *Arte primitiva*, em 1927. Em 1940, organizaria *Raça, linguagem e cultura*, que reuniria 62 artigos curtos de sua fase madura. Além de

participar da fundação de sociedades anônimas, como a Associação de Antropologia Americana, e de revistas na área, serão marcantes suas contendas com colegas de área, no período de guerras, quanto às questões étnicas, culturais, políticas e religiosas. Faleceu em 21 de dezembro de 1942, na cidade de Nova York, sendo reconhecido como fundador da moderna pesquisa antropológica naquele país.

Com a tradução de *A formação da Antropologia americana* (de 1983), reunião de 48 artigos produzidos entre 1883 e 1911, por George W. Stocking Jr., que procura efetuar esforço semelhante à obra de 1940, em 2004, e a seleção, neste mesmo ano, de cinco ensaios (‘As limitações do método comparativo da antropologia’, de 1896, ‘Os métodos da etnologia’, de 1920, ‘Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais’, de 1930, ‘Raça e progresso’, de 1931, e ‘Os objetivos da pesquisa antropológica’, de 1932) do livro *Raça, linguagem e cultura*, por Celso Castro, pode-se dizer que tem havido maior esforço coletivo em apresentar e divulgar a obra de Boas no Brasil. Com isso, tem-se acesso a 53 ensaios curtos produzidos pelo autor entre 1883 e 1932. Até então, tinha-se um ou outro texto traduzido no interior de curso ou programa, ou mesmo distribuído em revista especializada, cuja divulgação permanecia restrita. Mesmo assim, há muito ainda a ser feito, para que tenhamos um conhecimento mais apurado da obra e do autor no país. Os textos em questão avançam ao destacar o modo como o autor entendeu raça e cultura, evolucionismo, difusionismo, a pesquisa etnológica e etnográfica, quais debates efetuou no período e com quem dialogou. Além disso, permitem que o leitor observe a importância do historicismo e do idealismo alemão, em especial o de Hegel, para a formação do pensamento de Boas. Para George W. Stocking Jr.:

> [...] o principal impacto de seu trabalho foi crítico, e sua crítica pode ser vista como um ataque aos pressupostos tipológicos e classificatórios predominantes, fossem as ‘rígidas abstrações’ das três raças européias, ou as ‘rígidas abstrações’ das línguas isolantes, aglutinantes e flexionais, ou as ‘rígidas abstrações’ dos estados evolutivos da selvageria, barbáries e civilização. Em cada área havia uma tentativa de mostrar que os critérios alegadamente diferenciais não marchavam com o mesmo passo, mas

> eram afetados de formas complexas por processos históricos interativos (STOCKING JÚNIOR, 2004, p. 31).

Ao lado destas questões, Celso Castro acrescentará que:

> Além disso, Boas também critica o método 'difusionista'. Ao contrário do evolucionismo, do qual também eram críticos, os autores difusionistas colocavam todo peso explicativo da questão da diversidade cultural humana na idéia de *difusão*. Ou seja, em vez de supor, como os evolucionistas, que a ocorrência de elementos culturais semelhantes em duas regiões geograficamente afastadas seria prova da existência de um único e mesmo caminho evolutivo, os difusionistas pressupunham que deveria ter ocorrido a difusão de elementos culturais entre esses mesmos lugares (por comércio, guerra, viagens, ou quaisquer outros meios). [...] A concepção boasiana de cultura tem como fundamento um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu – em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos 'grilhões da tradição'. O antropólogo deveria procurar sempre relativizar suas próprias noções, fruto da posição contingente da civilização ocidental e de seus valores (CASTRO, 2010, p. 17-18).

Ao fazer isso, o autor tenderia a salientar nesse processo, os conceitos de: 1 – *relativismo cultural* (todas as culturas têm fundamentos em comum); 2 – *cultura* ("uma adição acidental de elementos individuais [...] era ao mesmo tempo uma totalidade espiritual integrada que, de alguma maneira, condicionava a forma de seus elementos" (STOCKING JÚNIOR, 2004, p. 20)) e *culturas* (no plural, dando ênfase ao particularismo histórico de cada uma); 3 – *etnocentrismo* (como o 'eu' europeu via o 'outro' nativo de acordo com sua perspectiva); 4 – e *semelhança dos efeitos* (um objeto não tem apenas uma função prática, mas contem características históricas e culturais do grupo que o produz). Mas para efetuar essa formulação teórica teve que dialogar com o: 1 – *determinismo geográfico*: meio *versus* formação cultural, o meio define a cultura do indivíduo e do grupo, segundo Ratzel; 2 – *determinismo social*: fatores sociais *versus* conduta humana, os fatores sociais determinam a conduta humana, ex.

o suicídio, de acordo com Émile Durkheim; 3 – *determinismo cultural*: cor *versus* progresso técnico e cultural, a cor da pele influência o desenvolvimento físico, neuronal e técnico de uma sociedade; 4 – *determinismo psicológico*: o meio exerce o controle sobre a definição dos comportamentos individuais, para Burrhus Skinner (1904-1990); 5 – *evolucionismo*: raça *versus* cultura, “Assim como o embrião passa de formas primárias a formas complexas, as sociedades passam de formas primitivas a formas complexas e diferenciadas” (DORTIER, 2010, p. 196), conforme Herbert Spencer; 6 – e o *(hiper)difusionismo*: “a existência de traços culturais similares em sociedades diferentes se explica por sua difusão a partir de um pequeno número de ‘centros culturais’” (DORTIER, 2010, p. 139); no hiperdifusionismo crê-se que o centro difusor seria o Egito antigo, como o fez Grafton Smith (1871-1937).

Nesse sentido, suas principais metas foram: 1 – tornar a antropologia uma ciência institucionalizada com métodos operacionais; 2 – “o estudo das ‘culturas’, e não o das raças, passa a ser prioritário” (DORTIER, 2010, p. 49); 3 – demonstrar que os grupos humanos têm aspectos culturais em comum, nos quais as culturas possuem especificidades históricas e peculiaridades étnicas, que não são definidas pelo meio, pela raça, pela cor, ou pelas características físicas e biológicas; 4 – e “cada cultura é definida por um modelo [...] particular, e podemos identificar influências recíprocas entre modelos vizinhos” (DORTIER, 2010, p. 140).

Em função de suas contribuições, para a institucionalização da antropologia nos Estados Unidos, Boas teve diversos continuadores, ora concordando, ora discordando de seus apontamentos, em que se destacam: Edward Sapir (1884-1939), Ruth Benedict (1887-1948), Margaret Mead (1901-1978), Ralph Linton (1893-1953), Abram Kardiner (1891-1981), Alfred Kroeber (1876-1960), Robert Lowie (1886-1957), Clark Wissler (1870-1947), Melville Herskovits (1895-1963), Gilberto Freyre (1900-1987). De forma muito genérica, eles enfatizavam que:

> 1 – O mundo está dividido em áreas culturais ou culturas locais que formam sistemas relativamente fechados e possuem coerência própria; 2 – Os culturalistas estabelecem um vínculo entre cultura e psicologia. A idéia central é que a cultura e a educação

> de uma sociedade contribuem para forjar determinada personalidade em um indivíduo particular; 3 – A cultura [...] é, em última análise, o critério determinante de explicação das condutas humanas (DORTIER, 2010, p. 108).

Evidentemente, a sua obra recebeu diversas críticas, apesar dos evidentes avanços que trouxe para a pesquisa etnográfica norte-americana. Entre as quais, destacam-se:

> 1 – Para os culturalistas [inclusive Boas], uma cultura representava uma espécie de inconsciente social, ou seja, um sistema de valores e de crenças no qual os indivíduos estão, sem que disso tenham consciência, imersos desde a infância. [...] [Nos estudos culturais, com ênfase na obra de Geertz] a cultura não é um meio homogêneo em que estão imersos inconscientemente os indivíduos, mas um conjunto de 'discursos' ou 'textos' que se prestam a contínuas transformações e reconsiderações (DORTIER, 2010, p. 105);

2 – definiria a 'cultura nativa' ainda sob a perspectiva européia, segundo causas e classificações, sem com isso ver a cultura do 'outro' de dentro; 3 – impregnado pelo romantismo e pelo idealismo hegeliano veria a cultura de acordo com o *espírito universal* de uma época, apesar de reconhecer suas especificidades e peculiaridades; 4 – apesar de sua crítica a ideia de raça, não se recusa a usar o termo para pensar determinadas características físicas, linguísticas, lógicas e hereditárias; 5 – Não chegou a elaborar uma teoria geral sobre a cultura e a formação das culturas, limitando-se a estudos monográficos de alguns grupos étnicos (LAPLANTINE, 1988); 6 – Não conseguiu distinguir a percepção simultânea e, ao mesmo tempo, diferenciada de um acontecimento vivido em comum pelo 'eu', branco/europeu, e o 'outro', indígena/negro/nativo (SALHINS, 2004); 7 – Não se preocupou em demonstrar seus resultados de pesquisa numa interpretação geral dos grupos humanos a seus pares (LAPLANTINE, 1988).

Portanto, são evidentes os avanços que a obra de Boas trouxe para a compreensão da organização, manutenção e apreensão da cultura entre os grupos e os indivíduos, e sua contribuição para a institucionalização da moderna pesquisa antropológica nos Estados

Unidos. E com a tradução dessas duas obras no Brasil, há o início da correção de uma grave lacuna em nossa bibliografia especializada.

Referências bibliográficas

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

______. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

CASTRO, Celso. Apresentação. In: BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. p. 7-23.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ERIKSEN, Thomas Hylland, NIELSEN, Finn S. **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Antropologia cultural**: um itinerário para futuros professores de História. Guarapuava/PR: Ed. Unicentro, 2009.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SALHINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

STOCKING JÚNIOR, George W. Introdução. In: BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. p. 15-38.